



EM FOCO

A TRAJETÓRIA DO MERCADO DE TRABALHO NO CONTEXTO PANDÊMICO E A INTENSIFICAÇÃO DA PLATAFORMIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

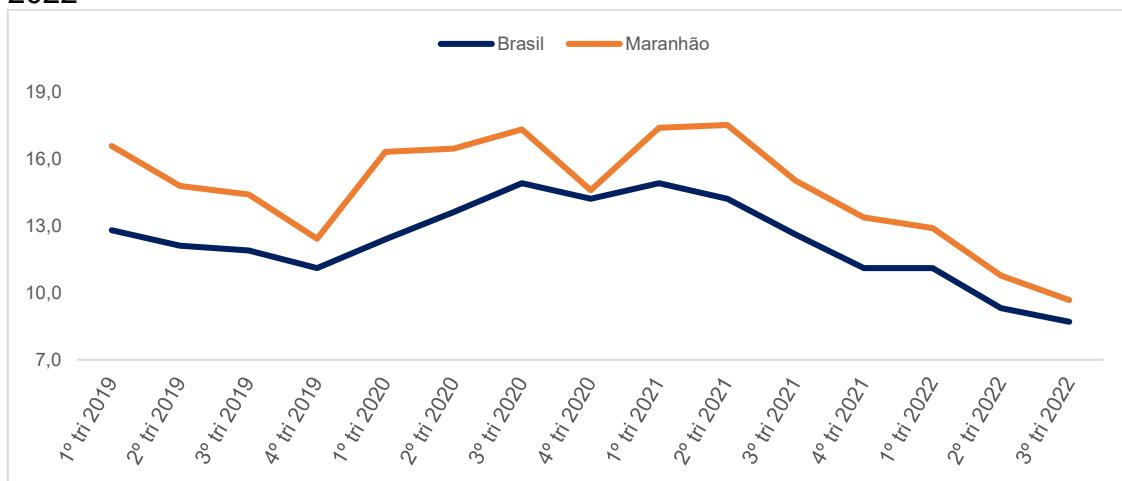
Nesta edição do Boletim Periódico do Observatório Social e do Trabalho, realiza-se uma avaliação da evolução recente dos indicadores do mercado de trabalho no Brasil e no Maranhão, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADc/IBGE, que acompanha as flutuações trimestrais da Força de Trabalho. Atesta-se que, atrelado ao movimento de expansão da ocupação no período mais recente de arrefecimento da crise sanitária ocasionada pela COVID-19, há uma intensificação da precarização sob a forma de relações de trabalho mediadas por plataformas digitais.

Informações mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, apontam para uma melhora no mercado de trabalho brasileiro e maranhense após os resultados negativos de 2020, causados pela crise pandêmica. Essa performance pode ser observada analisando-se, inicialmente, a evolução da taxa de desocupação.

De acordo com a PNAD Contínua (2022), no terceiro trimestre de 2022, a taxa de desocupação foi de 8,7%, em todo o território nacional, e de 9,7%, no Maranhão, ocorrendo quedas expressivas no comparativo interanual, assinalando um melhor resultado comparado ao período pré-pandemia, quando as taxas estavam acima de dois dígitos. No caso do Maranhão, especificamente, foi a menor proporção de desocupados desde o quarto trimestre de 2015 (8,4%).



Gráfico 1 - Brasil e Maranhão: Taxa de desocupação (%), por trimestres de 2019 a 2022

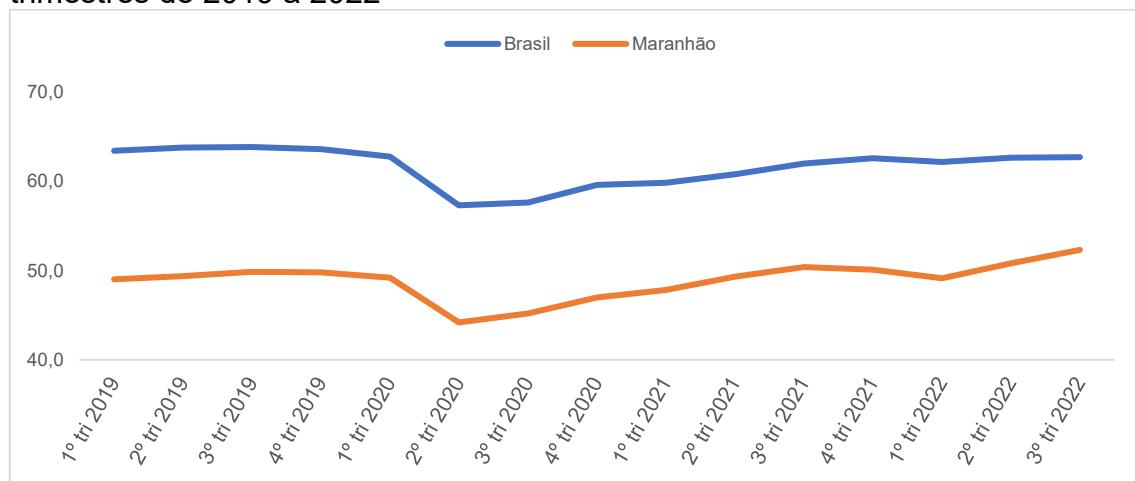


Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)

O comportamento de declínio da taxa de desocupação nas duas abrangências analisadas foi ocasionado pelo dinamismo da força de trabalho. Embora no Brasil a taxa de participação da força de trabalho tenha atingido 62,7% no terceiro trimestre de 2022, o indicador permanece abaixo do registrado em 2019 (63,4%). Por outro lado, no Maranhão, o indicador avançou no período (3,3 pontos percentuais) alcançando 52,3% no último trimestre. O aumento da população ocupada foi preponderante para evidenciar a diferença entre as abrangências nacional e estadual. Enquanto no Maranhão o total de ocupados avançou 10,5% durante todo o período analisado (2019-2022), no país o crescimento foi de 2,3%. O fato de a população ocupada ter alcançando seus níveis pré-pandemia e de a taxa de participação está caminhando para isso sugere um retorno amplo dos indivíduos que estavam fora da força de trabalho por conta das restrições de circulação.



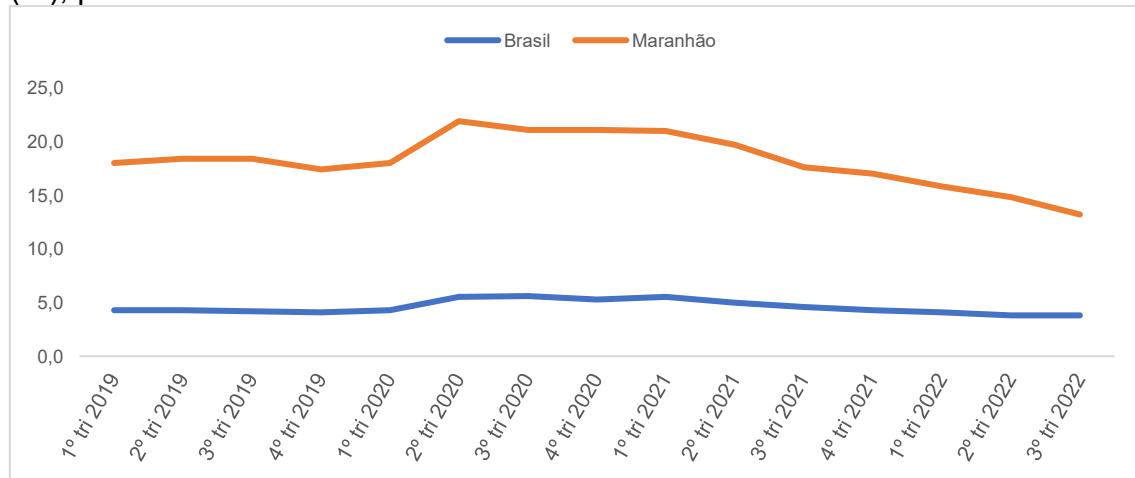
Gráfico 2 - Brasil e Maranhão: Taxa de participação da Força de trabalho (%), por trimestres de 2019 a 2022



Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)

No que se refere ao percentual de pessoas desalentadas em relação a força de trabalho ampliada, observa-se que o indicador também retomou aos números pré-pandemia. A desocupação por desalento atingiu seu pico durante 2020 e passou a apresentar trajetória descendente, iniciando o ano de 2022 com taxa de 4,1% no Brasil e de 15,8% no Maranhão, percentuais similares aos observados no mesmo trimestre de 2018 e 2019. Todavia, ainda que a trajetória esteja em declínio, o desalento alcança 4,3 milhões de brasileiros e 437 mil maranhenses.

Gráfico 3 - Brasil e Maranhão: Percentual de pessoas desalentadas, na força de trabalho (%), por trimestres de 2019 a 2022



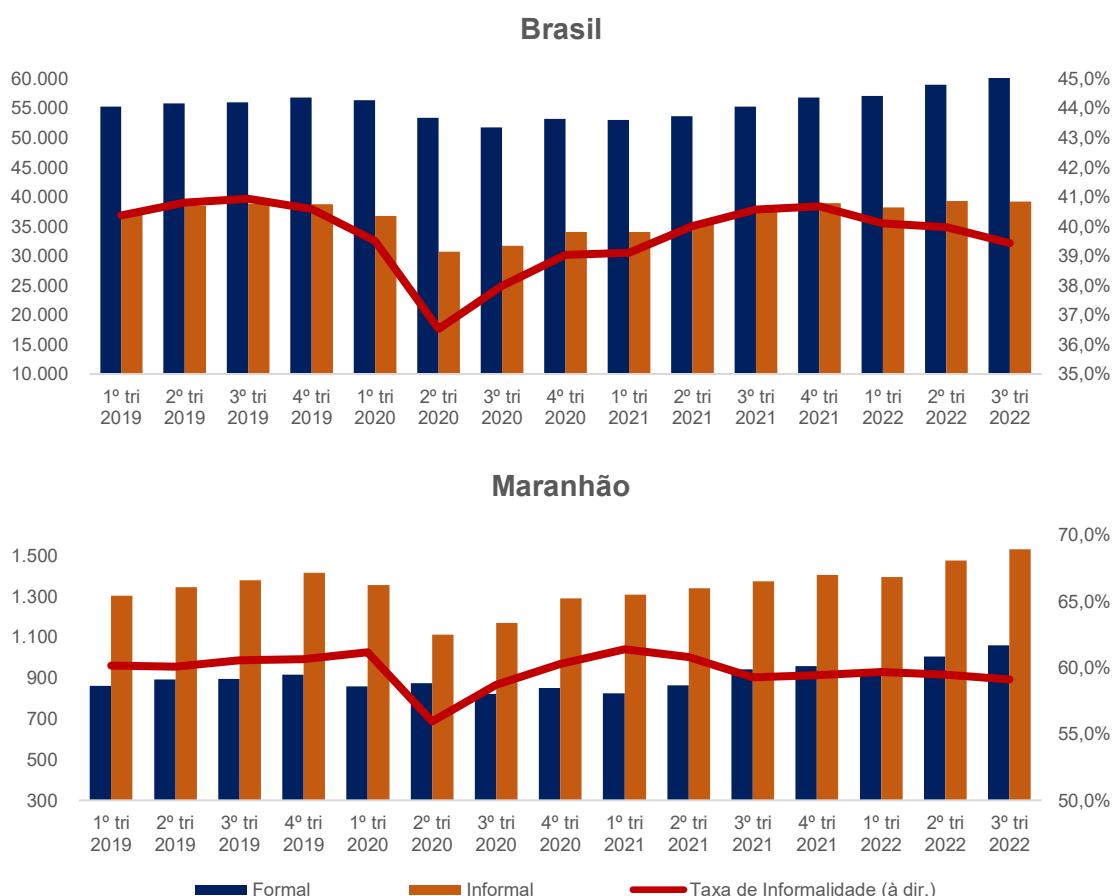
Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)



O mundo do trabalho brasileiro e maranhense é conformado por grande número de trabalhadores que atuam na informalidade, realizando diversas atividades de trabalho com o propósito de conseguir alguma remuneração, configuradas como subocupação. Aponta-se que a redução da taxa de desocupação vem sendo impulsionada por esse tipo de ocupação.

Segundo a posição na ocupação e categoria do emprego, o **Gráfico 4**, abaixo, mostra o comportamento dos mercados de trabalho formal e informal nos trimestres de 2019 a 2022.

Gráfico 4 - Brasil e Maranhão: Ocupação formal, informal (em mil) e taxa de informalidade (%), por trimestres de 2019 a 2022



Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)

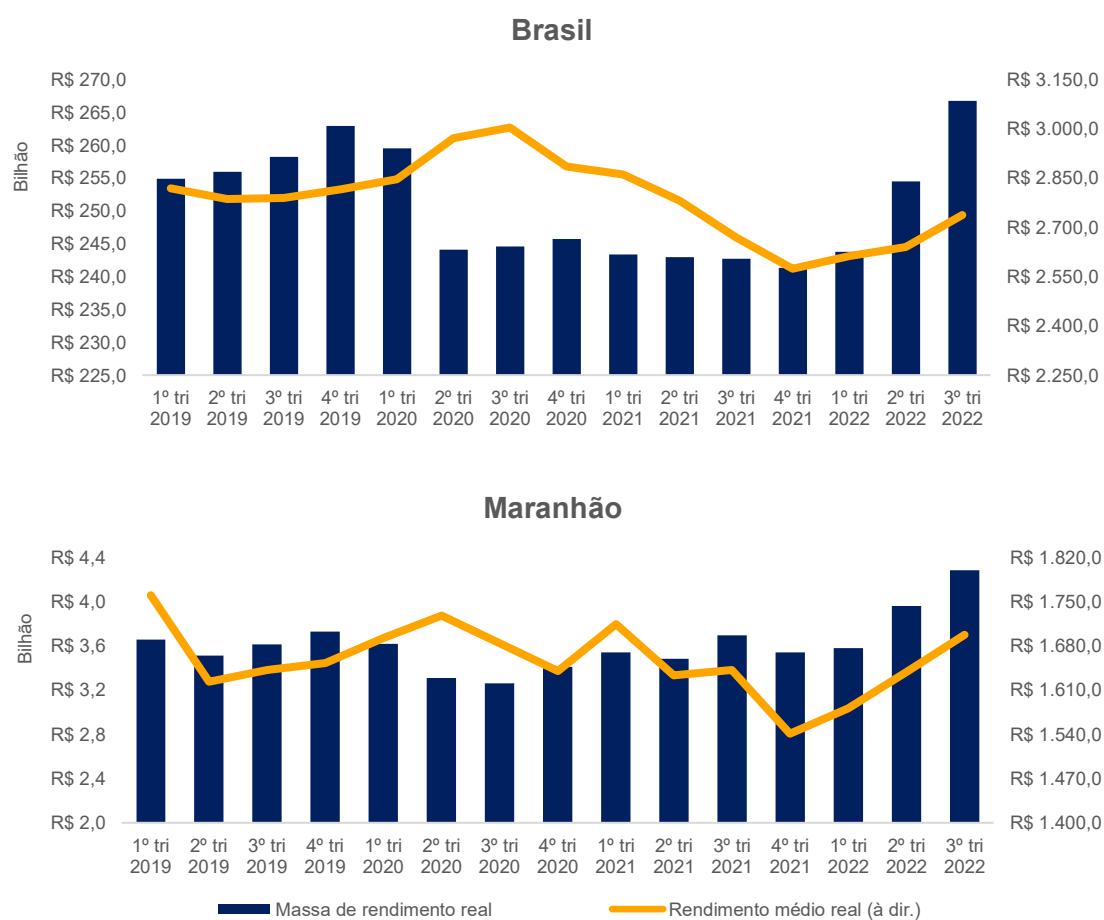
Com a impossibilidade de desempenho das atividades, houve um recuo de trabalhadores informais no início de 2020, sendo registradas taxas de informalidade de



36,5 % no Brasil e 55,9 % no Maranhão. Porém, a partir do terceiro trimestre do mesmo ano, esse cenário foi revertido. Em 2021 houve uma recuperação gradual do mercado, predominantemente, informal. Já em 2022, os dados apresentaram taxas de 39,4 % e 59,1 %, no Brasil e no Maranhão, respectivamente.

Diante do contexto da pandemia, como mostra o **Gráfico 5**, a massa salarial sofreu expressiva queda com a paralisação das atividades produtivas. Apesar do considerável aumento relativo do rendimento real médio em 2020, a queda da população ocupada impactou negativamente na massa salarial.

Gráfico 5 - Brasil e Maranhão: Rendimento Médio real (em R\$) de todos os trabalhos e massa real de rendimentos (R\$ bilhões), por trimestres de 2019 a 2022



Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)



Ao longo de 2020, a massa salarial seguiu uma tendência decrescente, que foi refletida também no ano seguinte. Contudo, em 2022, houve uma reversão da trajetória, com crescimento de 3,3% e 18,5%, no Brasil e Maranhão, respectivamente.

O movimento ascendente do rendimento habitual médio observado no ano de 2020, em grande parte, se deve à perda de ocupações concentradas nos trabalhadores com piores remunerações, de maneira que se mantiveram ocupadas as pessoas com renda relativamente mais alta. No entanto, à medida em que houve o retorno dos trabalhadores de menor remuneração, um movimento inverso surgiu ao final de 2020 e ao longo de todo o ano de 2021.

Considerando o ponto de maior declínio, o rendimento real médio do último trimestre de 2021 obteve queda de 10,8% no Brasil e de 6% no Maranhão, comparado ao ano anterior.

É nesse contexto de alta precarização e desocupação que o trabalho em plataformas digitais aparece como uma “oportunidade”. O trabalho mediado por plataformas - denominado de plataformação do trabalho - encontra as condições concretas para o seu êxito na chamada população excedente ou, em outras palavras, no chamado exército industrial de reserva (MARX, 2013) intensificado diante do cenário laboral assolador causado pela crise pandêmica e se tornando tendência de reorganização tecnológica do trabalho na retomada econômica, que traz novas formas de controle, gerenciamento e subordinação.

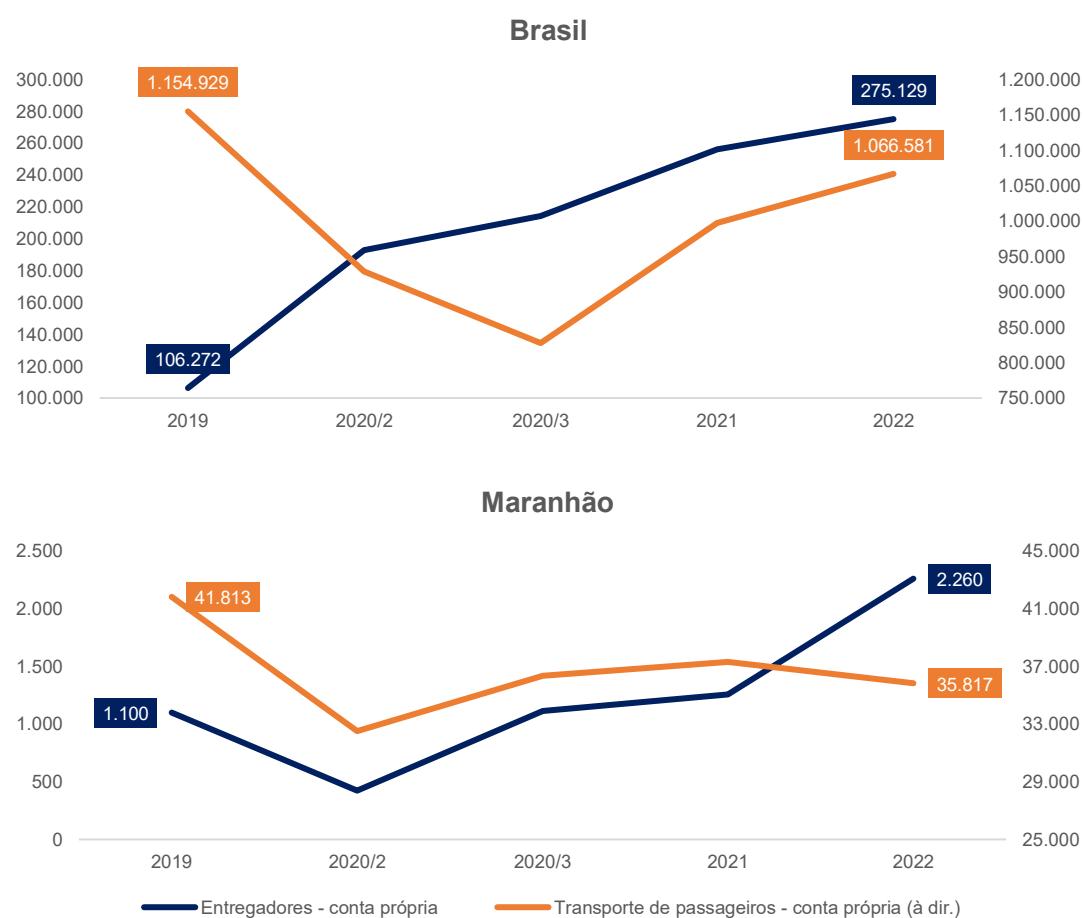
Dados apontam para uma intensificação desse tipo de vínculo. No 3º trimestre de 2022, o total de entregadores por conta própria sem CNPJ foi de 275.129 no Brasil e de 2.260 no Maranhão, segundo informações disponibilizadas pelos microdados da PNAD Contínua. Ressalta-se que entre 2022 e 2019, houve uma intensificação do trabalho de entregadores via *delivery*, os quais apresentaram alta de 159% no Brasil e de 105% no Maranhão. Considerando esse mesmo período, os motoristas de aplicativo registraram queda de 8% no Brasil e 14% no Maranhão, devido à baixa circulação de pessoas no período. Todavia, esse contingente alcança atualmente um total de 1.066.581 e de 35.817 ocupados, no Brasil e no Maranhão, respectivamente.

Estas atividades mostram-se passíveis de ser administradas e controladas, em certa medida, por aplicativos desenvolvidos por essas empresas. Ao ser mediada por



plataformas digitais, a atividade de trabalho dos entregadores torna-se subordinada e dependente das prescrições e dos comandos impostos por essas organizações. Quando se cadastram nos chamados “aplicativos de entrega”, os trabalhadores são guiados, inicialmente, por informações que recebem da plataforma proprietária. O pagamento de cada entrega a ser recebido pelo trabalhador é previamente estipulado pela empresa e informado pelo aplicativo, sem qualquer possibilidade de negociação desse valor (REBECHI, 2022).

Gráfico 6 - Brasil e Maranhão: total de entregadores e motoristas conta própria, de 2019 a 2022



Fonte: Pnad Continua/IBGE (3ºTri/2022)

No contexto de mudanças nos meios de produção e de racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016), a crise estrutural do capitalismo coloca desafios imensos para os trabalhadores. Os avanços advindos com a internet e as plataformas digitais permitem alterações drásticas nas empresas e nas relações de trabalho, implicando em um



processo de precarização caracterizada pela pregação deturpada do chamado “empreendedorismo”.

A lógica da reestruturação que une financeirização, racionalidade neoliberal e plataformização (GROHMANN, 2020) conta com a destruição de empregos, força de trabalho abundante e desregulamentação nacional dos direitos dos trabalhadores. A precarização se dá mediante um rebaixamento no nível das condições dos trabalhadores, cujos vínculos são considerados serviços pelas empresas de plataforma.

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

GROHMANN, Rafael (org). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Rio de Janeiro, 3ºTri/2022. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em dezembro de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sistema IBGE de recuperação automática**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em dezembro de 2022.

MARX, Karl. **O capital**. v. 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

REBECHI, Claudia Nociolini et al. **Plataformização do trabalho de entregadores no contexto da pandemia de covid-19 confronta os princípios do trabalho decente da OIT**. 2022.

Elaboração

Valéria Ferreira Santos de Almada Lima – *Doutora em Políticas Públicas - UFMA*

Clea Nathanny Fonseca dos Santos - *Graduada em Ciências Econômicas - UFMA*

Mirian Carvalho da Costa - *Graduada em Ciências Econômicas - UFMA*

Rafael Thalysson Costa Silva - *Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico – UFMA*

Raphael Bruno Bezerra Silva - *Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico – UFMA*